



## **Geração Ambientalista, o Devir da História Jovens, Política e Meio Ambiente<sup>1</sup>**

Maria Izabel de Azevedo Marques Birolli<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP

### **Resumo**

Nesse artigo indago acerca do significado político e geracional do problema ambiental partindo da hipótese de que a aceitação de sua gravidade nos anos 90 produziu rupturas que, somadas à insatisfação com a democracia representativa e a expansão das redes sociais, concorrem para a formação de uma geração cujo elemento comum está na percepção da crise vivida no mundo contemporâneo, expressão de consciência histórica aguda, própria dos períodos de grandes transformações. O texto ora apresentado é resultado parcial de minha pesquisa de doutorado, na qual investigo as formas de atuação e pensamento político de jovens universitários, auto-organizados e mobilizados em coletivos e redes sociais digitais, que militam junto às políticas ambientais.

Palavras-Chaves: Juventude; Gerações; Política; Meio-Ambiente.

### **Introdução**

***Jovens, envelheçam!***  
***Nelson Rodrigues<sup>3</sup>***

Os estudos sobre gerações vem sendo retomados mais recentemente na área da sociologia da juventude abrindo novas possibilidades de reflexão e diálogo com outros campos de pesquisa sobretudo no campo político. Edgar Morin lembra que a identificação por gerações se torna em certos períodos *uma das principais oposições da vida social: não há uma diferença maior, na linguagem e na atitude diante da vida, entre o jovem e o velho operário que entre esse jovem operário e o estudante? Esses dois últimos não participam dos mesmos valores fundamentais da cultura de massa, das mesmas aspirações da juventude em relação ao conjunto dos anciãos?*” (Morin, 2000: 149). Existem, pois, outras formas de identificação entre os jovens que derivam não apenas de sua posição social de classe (de gênero, ou “raça”), mas também de suas formas de inserção no curso da história. Dilthey definia gerações em termos de relações

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência e Meio Ambiente, no XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Departamento de Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP.

<sup>3</sup> Resposta de Nelson Rodrigues à pergunta de Otto Lara Rezende sobre qual seria o seu conselho aos jovens.



de contemporaneidade: soma de pessoas expostas a influências históricas comuns ou relacionadas, vivenciando o mesmo conjunto de experiências, o mesmo "tempo qualitativo" (Feixa e Leccardi, 2010:188). Mas, também utilizou-se da expressão “não-contemporaneidade do contemporâneo” para assinalar a diversidade da experiência humana num mesmo tempo histórico (Manheim, 1928). Exemplo: a juventude universitária nos anos 60/70 não pode ser tratada como sinônimo de engajamento político, imagem que se fixou no imaginário coletivo: sobreposição como essa deixaria de fora quase a totalidade dos jovens desse período. Ao contrário, quando nos referimos à “geração dos anos 60” estamos falando de um grupo jovem que mobilizou a cena pública e política – tomou a palavra - e estabeleceu marcos, mas não implicou a adesão de todos os jovens desse período obviamente. Da mesma forma, quando Otavio Ianni cravou a imagem do “jovem radical” e Luciano Martins da “geração AI-5” não estavam enquadrando, senão procurando recortar aquela que foi sua *tatuagem* na história, concorde-se ou não com tais interpretações (Ianni, 1968; Martins, 2004). Geração, compreendida dessa forma, implica um recorte no interior da juventude que contém em si um potencial de transformação, seja na música, na literatura, nas artes plásticas, e/ou na política e manifesta-se como um “grupo concreto”, com marcas próprias (Mannheim, 1928). Dilthey, e mais tarde Manheim, rejeitaram a noção positivista de que as gerações se sucedem; para o autor elas se formam. Há períodos sem marcas de uma geração? Em tese sim. O que distingue uma geração não é a sucessão cronológica: a "demarcação geracional" é algo "apenas potencial" (Feixa e Leccardi, 2010: 189; Mannheim, 1952)<sup>4</sup>. Baumann lembra que “assim como os conceitos de nação ou classe o termo geração é uma expressão performativa (que cria uma entidade para nomeá-la) - uma chamada ou convocação para uma batalha nas fileiras do imaginário, ou mais precisamente postulado, da comunidade”. (Baumann, 2007, Apud, Feixa e Leccardi, 2010). É, no entanto, menos impreciso e vago do que a noção de “juventude” possibilitando pensar em experiências comuns partilhadas num período do tempo, que implica um modo de pensar e agir semelhante. A noção de geração comporta um explícito caráter histórico, portanto, mais concreto, com recortes mais nítidos: as gerações estão no mundo.

---

<sup>4</sup> “Do ponto de vista sociológico, uma geração pode ter dez anos, ou como aconteceu nas sociedades pré-modernas, vários séculos. Pode incluir uma pluralidade de gerações biográficas ou, como na história de muitas sociedades tradicionais, apresentar apenas uma geração sociológica. Elas cessam quando novos e grandes eventos históricos - ou, mais frequentemente, quando lentos e não catastróficos processos econômicos, políticos e de natureza cultural - tornam o sistema anterior e as experiências sociais a ela relacionadas sem significado (Feixa e Leccardi, 2010: 191).



## Geração Ambientalista

“Imposto geracional” é o nome que economistas deram ao legado da destruição dos recursos naturais às próximas gerações. É importante observar que o discurso ambiental desde o princípio foi citado como uma questão geracional. O famoso Relatório Brundtland, documento intitulado Nosso Futuro Comum (*Our Common Future*) publicado em 1972, usou pela primeira vez e definiu desenvolvimento sustentável como: “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. Se a definição soa retórica para as velhas gerações (que até então nunca incluíram entre as suas preocupações a preservação da natureza, antes pelo contrário, o seu domínio era índice de civilização e desenvolvimento), não poucas vezes tem sido usada pelos jovens como argumento “contra” os adultos.

Em 1992, no Rio de Janeiro, durante a famosa Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, Rio-92, marco de toda discussão ambiental, o mundo foi surpreendido pela fala de uma menina de 12 anos, Severn Cullis Suzuki, durante longos sete minutos. Reproduzo algumas das partes onde a clivagem geracional se expõe com clareza:

Olá! Sou Severn Suzuki. Represento a ECO – a organização das crianças em defesa do meio ambiente. Somos um grupo de crianças canadenses, de 12 a 13 anos, tentando fazer a nossa parte: contribuir. (...) Viemos de tão longe para dizer que vocês, adultos, têm que mudar o seu modo de agir.

Ao vir aqui hoje, não preciso disfarçar meu objetivo: estou lutando pelo meu futuro. Não ter garantia quanto ao meu futuro não é o mesmo que perder uma eleição ou alguns pontos na bolsa de valores. (...) Estou aqui para falar em nome das gerações que estão por vir. Estou aqui para defender as crianças com fome, cujos apelos não são ouvidos. Estou aqui para falar em nome de incontáveis animais morrendo em todo o planeta porque já não têm mais lugar para onde ir. (...)

Sou apenas uma criança e não tenho as soluções, mas quero que saibam que vocês também não têm. Vocês não sabem como reparar os buracos da camada de ozônio. Vocês não sabem como salvar os salmões de águas poluídas. Vocês não podem ressuscitar os animais extintos. Vocês não podem recuperar as florestas que um dia existiram onde hoje é deserto. Se vocês não podem recuperar nada disso, então por favor parem de destruir !

Sou apenas uma criança, mas sei que esse problema atinge a todos nós, e deveríamos agir como se fôssemos um único mundo, rumo a um único objetivo. (...)

Sou apenas uma criança, mas ainda assim sei que se todo o dinheiro gasto nas guerras fosse utilizado para acabar com a pobreza, para achar soluções para os problemas ambientais, que lugar maravilhoso a Terra seria!



Não esqueçam o motivo de estarem assistindo a estas conferências, e para quem vocês estão fazendo isso. Vejam-nos como seus próprios filhos. Vocês estão decidindo em que tipo de mundo nós iremos crescer. Os pais devem ser capazes de confortar seus filhos, dizendo-lhes: “Tudo ficará bem. Estamos fazendo o melhor que podemos”. Mas não acredito que possam nos dizer isso. Será que estamos na sua lista de prioridades ? (...) Por favor, façam as suas ações refletirem as suas palavras. Obrigada<sup>5</sup>.

O apelo à responsabilidade geracional é um argumento que continua presente em muitas falas de jovens estudantes universitários. Numa investigação preliminar observei a partir de emails trocados entre participantes da Rede Rejuma, Rede de Juventude pelo Meio Ambiente, indícios do que Mannheim chamaria de “conexão/consciência geracional”. Um exemplo é a carta endereçada recentemente ao Presidente da Câmara, Marco Maia. Depois de expor as razões do grupo contra a reforma do Código Florestal, a carta conclui:

Caro Presidente, um provérbio africano diz que o planeta não é nosso, apenas o tomamos emprestado das futuras gerações. Em nome da juventude e das futuras gerações pedimos para que não destruam mais nossas florestas e o planeta. Pedimos para que não votem as modificações do Código Florestal sem ouvir a sociedade brasileira, nos seus mais diversos seguimentos.  
Atenciosamente, Rede de Juventude pelo Meio Ambiente (REJUMA)<sup>6</sup>

Para Abrams e Mannheim, segundo Feixa e Leccardi, “o início de uma geração é marcado por descontinuidades importantes até então dominantes em determinada época histórica e institucional” (2010:190). Uma das hipóteses dessa pesquisa é que o problema ambiental impactou profundamente essa geração e se não produziu outra relação com a natureza – já de todo fetichizada – fez sentir o golpe dos “erros” das gerações que a precedeu, marcando uma descontinuidade. A consciência geracional, ainda que possa a princípio ser de expressão limitada emerge em meio às grandes crises: trata-se sempre de rupturas, mesmo que a princípio de pequenas proporções – são “estalidos” nas estruturas. Por outro lado, trata-se ademais de inscrever a própria história no curso mais amplo da história promovendo um contato profundo com o tempo da vida, base da experiência e do reconhecimento de si, de sua singularidade no todo. A avaliação crítica dos jovens “sob a ótica do ambientalismo, confirma, por diversas perspectivas, a insustentabilidade de nossos estilos de vida individual, social e de nossas relações com o mundo natural” (Morin, 2001: 183). Críticas, oposições e rupturas

---

<sup>5</sup> Acesso <http://www.youtube.com/watch?v=u5fyt0rSfdI>

<sup>6</sup> [www.rejuma.ogr.br](http://www.rejuma.ogr.br)

entretanto não significam de antemão rompimento profundos entre gerações, e a interdição do diálogo<sup>7</sup>. Há novas formas de solidariedade e laços de afetividade surgindo, segundo Feixa e Leccardi, formas de "intimidade à distância" “numa complexa rede de práticas, caracterizada por um elevado grau de reciprocidade que se dirige tanto das gerações mais velhas para as mais jovens quanto na direção oposta”. Além disso, os problemas colocados pelos militantes da causa ambiental possuem indiscutível potencial inovador e “capacidade de integrar as múltiplas dimensões da realidade, geralmente consideradas de maneira fragmentária e reducionista”, ou seja, como aglutinadora de um novo campo de relações sociais, proporcionando “reflexões e sínteses entre a economia e a ecologia, a ética e a política, a cultura e a natureza, a ciência, a religião, as artes e a filosofia” (Moura, 2004 e.). Por essa sua característica, Leis considera “o ambientalismo um movimento histórico-vital compondo um quadro de grande riqueza cultural.

### **O Devir da História**

Pesquisa realizada seis anos depois da Conferência Rio-92, *Jovens Acontecendo nas Trilhas da Políticas Públicas* sugerem que os jovens possuem maior sensibilidade e motivação para as questões ambientais [em relação aos adultos], demonstrando maior disposição para a mudança de atitudes e valorizando a educação ambiental”. (Amstalden e Ribemboim, 1998). Trabalhos mais recentes e abrangentes, no entanto, demonstram que, frente a outras carências, o meio ambiente não é prioritário entre eles tampouco a demanda por cultura ou direitos, antes manifestam preocupação em primeiro lugar com educação, emprego, saúde e segurança, pauta não diferente dos adultos<sup>8</sup>. Mas, embora a causa ambiental não esteja à frente das necessidades imediatas da vida, os resultados reafirmam maior interesse desses pelo tema, se comparado à geração anterior. Os incentivos das instituições que financiam projetos na área, a insistência da mídia, a propaganda das empresas e a educação ambiental nas escolas são argumentos que

---

<sup>7</sup> Vale lembrar que o lema dos Coletivos de Meio Ambiente, que foram criados após a I Conferência Infanto-Juvenil Pelo Meio-Ambiente, em 2003 é “Jovem escolhe jovem; jovem ensina jovem e uma geração aprende com a outra”. Mais informações sobre Coletivos Jovens e a Rede REJUMA – Rede de Coletivos Jovens de Meio Ambiente, consultar: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao9.pdf> e [www.rejuma.org.br](http://www.rejuma.org.br).

<sup>8</sup> A ironia é que o maior número de projetos públicos ou privados que alcançam os jovens está voltado à área da cultura, dos direitos ou do meio ambiente. Ou as pesquisas estão equivocadas ou não está havendo diálogo intergeracional. Como ressalta Rua, “as demandas dos jovens são, aparentemente, claras. Referem-se aos direitos básicos: educação de qualidade; atenção médica digna e eficiente; segurança que contemple os direitos humanos; oportunidades iguais, ou seja, demandam cidadania. Os dados examinados, entretanto, mostram situações que estão longe de atender a essas demandas”. (Rua, 1998: 4).

podem explicar maior “sensibilidade” dessa geração em relação à anterior pela causa ambiental. Diferentemente de outros problemas sociais o problema ambiental facilita a participação, idéia embalada pela aceitação do senso comum de que a “responsabilidade é de todos” e, sobretudo das “próximas gerações”, tornando-se assim, pelo seu potencial de identificação e motivação, uma oportunidade para o engajamento social e político (Novaes 2002; Crespo, 2002; Amstalden & Ribemboim, 1998). Novaes acredita que “a questão ambiental motiva a formação de grupos, incrementa a participação e, hoje, podemos dizer que a busca de “sustentabilidade sócio-ambiental” tornou-se um tema obrigatório nos diferentes espaços de organização juvenil. (Novaes, 2005:2). Como confirma Carvalho, “a valorização da natureza e a preocupação como futuro do planeta tem se mostrado particularmente atrativa (...) como se pode ver pela forte presença jovem entre voluntários e ativistas de grandes ONGs ambientalistas como *Greenpeace*, Amigos da Terra, World Wildlife Foundation (WWF) entre outras” (Carvalho, 2004). A rigor, ainda muito pouco se sabe sobre as ações políticas dos jovens na atualidade (Rua, 1998, Sposito e Carrano, 2003). “Ação”, na obra de Hanna Arendt, em quem me inspiro, não se confunde com o “fazer” tão comum no discurso atual de instituições que trabalham com a juventude (Souza, 2006).<sup>9</sup> “O ator, o agente do ato só é possível se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras”, diz a filósofa alemã. “Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa”, ou seja, é o fazer político por excelência. A ação, com seus efeitos que produz se refere sobretudo à capacidade humana de reger o próprio destino na história e resulta em formas de expressão da singularidade no espaço público (Arendt, 1995: 190). Maria das Graças Rua, tece as seguintes considerações pessimistas ao concluir suas análises acerca das políticas públicas para os jovens no Brasil nos anos 90:

“Assim, parece certo que o fato de ser jovem por si só não constitui uma base de identificação social que oriente a ação política: em geral, o jovem se mobiliza a partir das agregações estabelecidas por instituições pré-existentes. Portanto, na ausência de instituições novas e adequadas, capazes de mobilizar a ação solidária dos jovens, é bastante possível que eles continuem, na melhor das hipóteses a serem objetos de políticas, sem capacidade de influir sobre as mesmas. Ou seja, dificilmente serão agentes na construção do seu próprio destino” (Rua, 1998).

A precisão do diagnóstico - a ausência de instituições novas e adequadas capazes de mobilizar a ação solidária dos jovens – contrasta com o erro do prognóstico exatamente

---

<sup>9</sup> Instituto Ayrton Senna, Fundação Odebrecht, entre outras.



no momento em que ocorria a inflexão, os anos 90. Passados treze anos os canais de participação se fortaleceram com as redes sociais, portanto trata-se de compreender um cenário em rápida transformação. A quantidade de grupos juvenis organizados atualmente cresceu substancialmente e nada indica que o movimento está refluindo, ao contrário, as facilidades tecnológicas parece que só vieram confirmar as “tendências gregárias dos jovens”, potencializada pelo acesso à palavra na esfera pública (Dayrell, 2003; Abramo, 1994). Como mostram Castro e Abramoway, há uma juventude politizada, engajada no campo das políticas públicas que embora críticos não são desencantados. Os resultados de suas pesquisas “Quebrando Mitos” incidem contra o suposto apoliticismo dos jovens, a orientação individualista (e sempre identitária), mas aponta uma tendência para o afastamento dos partidos e sindicatos e a necessidade de valorizar e estar sensível a outras linguagens e formas de organizações políticas.

As últimas décadas imprimiram uma notória transformação no espaço das relações sociais e, sobretudo no que tange ao uso da linguagem, da palavra, acessível à milhares de pessoas que participam de redes de interação social, expressando idéias, posições, informando-se, engajando-se em passeatas virtuais, twittadas, discussões, compartilhando arquivos aos milhões, construindo propostas coletivas. Não quero com isso sugerir que o simples fato de estar “na rede” signifique um ato político, mas, é ocioso desconhecer o fato de que as redes de comunicações abriram espaços de expressão e possibilidade de organização política, sobretudo entre os jovens, que é um fato inédito na história.

O domínio das novas tecnologias de informação e comunicação, a crise da democracia representativa - que afastou os jovens da política partidária e das instituições públicas - e o problema ambiental concorrem para a formação de uma geração cujo elemento comum está na percepção da crise vivida no mundo contemporâneo, fruto de uma consciência histórica aguda, própria dos períodos de grandes transformações. A questão ambiental alimenta o plano geral da crise; o descrédito com a democracia representativa reforça a sensação de impotência no plano local ou nacional, a depender do ângulo que se olha. O domínio das tecnologias de comunicação, por sua vez, engendra uma sociabilidade que não alivia, mas aprofunda a crise propondo outras formas de organização da sociedade e a exigência de um contato mais profundo com o tempo da vida/natureza.

## **Referências Bibliográficas**





ABAD, Miguel, (2002). Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Última Década**, Viña del Mar, CIDPA, no 16, p. 119-155, mar.

ABRAMO, Helena, (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, no 5/6, p. 25-36, maio-dez.

AMSTALDEN, L.F.; RIBEMBOIM, J. (1998). **Meio Ambiente e Jovens. In: \_\_\_\_\_ . Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. 2 v. Brasília: CNPD

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, 7ª. Ed.

ATTIAS-DONFUT, Claudine, (1996). Jeunesse et conjugaison des temps. **Sociologie et Sociétés**, v. 28, no 1, p. 13-22.

BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2000.

\_\_\_\_\_. (2007). "Between us, the generations", in J. Larrosa (ed), **On generations. On coexistence between generations**, Barcelona: Fundació Viure i Conviure, pp. 365-376.

BORDIEU, P. (1986). De quoi parle-t-on quand on parle du "problème de La jeunesse"? In: Proust, François (org.). **Les jeunes et les autres: contributions des sciences de l'homme à la question des jeunes**. Vauresson: CRIV, pp. 229-235.

BIROLI, M.I.A.M (2000). **A Criança Pobre na Cidade de São Paulo**, Mestrado, PUC-SP.

BORELLI, S.H.S; ROCHA, R.M.; OLIVEIRA, R.C.A.; LARA, M.R. (2009) **Jovens urbanos: ações estético-culturais e novas práticas políticas**, Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv 7(1): 375-392. Disponível em: <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>

CARVALHO, I. C. M. Ambientalismo e juventude: o sujeito ecológico e o horizonte da ação política contemporânea In: NOVAESs, Regina e Vannuchi, Paulo (orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Fundação Perseu Abramo e Instituto da Cidadania, São Paulo, 2004.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M.; DE LEON A. (2007) **Juventude: Tempo Presente ou Tempo – Futuro? Dilema Em Proposta de Políticas Para Juventude**. GIFE/AVINA.

CASTRO, M.G.; ABRAMOVAY, M. **Quebrando os Mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude**, Brasília: 2009.

CERTEAU, M. de. (1996) **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996.





- COSTA, Antonio Carlos Gomes. **Protagonismo juvenil. Adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- DAYRELL, Juarez (2005). **A música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude**, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- DELORS, Jacques (2001). **Educação, Um Tesouro a Descobrir**, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI..
- FERNANDES, Florestan (1970). “A concepção de ciência política de Karl Mannheim”, in **Elementos de sociologia teórica**, São Paulo: Cia Editora Nacional/Edusp, pp. 223-291.
- FORACCHI, Marialice M. (1972). **A juventude na sociedade moderna**, São Paulo: Pioneira.
- IANNI, Otávio (1968). O Jovem Radical. In: **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro. Zahar.
- KEINERT, F. C. (2007) A Questão social em Hanna Arendt. **Teoria & Pesquisa** Vol. XVI – nº 01 - jan./jun.
- MANNHEIM, K. (1993) “El problema de las generaciones” [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, n. 62, P. 193-242.
- \_\_\_\_\_(1982). “O problema sociológico das gerações” [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo, Ática, pp. 67-95.
- MORIN, E. (2000) **Cultura de massas no sec. XX**. Neurose, v.1, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 9ª. Ed.
- \_\_\_\_\_(2001) **Cultura de massas no sec. XX**. Necrose, v.2, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3ª. Ed.
- \_\_\_\_\_(1984) **Sociologia – A Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário**, Lisboa: Publicações Europa-América.
- \_\_\_\_\_**O Método IV. As Idéias: a sua natureza, vida, habitar e organização**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.
- \_\_\_\_\_(1995) **Os Meus Demónios**, Lisboa: Publicações Europa-América.
- MARTINS, L. A (1979) **‘Geração AI-5’: um ensaio sobre autoritarismo e alienação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- NOVAES, R. C. R. (2000) Juventude e Participação Social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: **Juventude em Debate**. Helena Abramo (Org.) : Cortez. (2005)



\_\_\_\_\_. *A Juventude de Hoje: (Re) Invenções da Participação Social*. Resumo da Conferência do 75º Aniversário da Fundação W.K.KELLOG. São Paulo: 2005. Disponível em:  
[http://www.wkkf.org/DesktopModules/WKF\\_DmaItem/ViewDoc.aspx?LanguageID=2&CID=145&ListID=28&ItemID=1450049&fld=PDFFile](http://www.wkkf.org/DesktopModules/WKF_DmaItem/ViewDoc.aspx?LanguageID=2&CID=145&ListID=28&ItemID=1450049&fld=PDFFile). Acessado em Março de 2011.

PAIS, J. M. (1990) A construção sociológica da juventude - alguns contributos, **Análise Social**, vol. XXV, n. 105-106.

POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RUA, M. G. (1998) As políticas públicas e a juventude dos anos 90. *In*: \_\_\_\_\_. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. 2 v. Brasília: CNPD, p. 731-752.

SANTOS, L. G. **Politizar as Novas Tecnologias**. São Paulo: Editora 34, 2003.

SARLO, B. **Cenas da Vida Pós-Moderna**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SCHMITT, J.C.; LEVI, G. **História dos Jovens, v.1 e 2**, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SENNETT, R. (1999). **A Corrosão do Caráter – Consequências Pessoais do Novo Capitalismo** – Rio de Janeiro. Ed Record.

\_\_\_\_\_. *O Declínio do Homem Público*

SOUZA, Regina de Magalhães. **O Discurso do Protagonismo Juvenil**. São Paulo: Ed Paulus, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues (2003). **Juventude e políticas públicas no Brasil**. Governo do Estado de Fortaleza, 2003. Disponível em:  
[http://www.juventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=30&Itemid=44](http://www.juventude.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=44). Acessado em: abril de 2011.

THOMAS, K. **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VEIGA, J.E. **Desenvolvimento Sustentável – O Desafio do Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda., 2005.